

ENTREVISTA COM A PESQUISADORA MARIA CECÍLIA DE SOUZA MINAYO

Kyldes Batista Vicente 1

Maria Cecilia De Souza Minayo, possui graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1978), graduação em Ciências Sociais - City University of New York (1979), mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985) e doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1989). Desde 1996 é editora científica da revista *Ciência & Saúde coletiva* da Associação Brasileira de Saúde Coletiva e pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Pública, com ênfase em Saúde Coletiva, atuando como professora, pesquisadora e orientadora principalmente nos seguintes temas: metodologia de pesquisa social, metodologia da pesquisa social em saúde pública, violência e saúde, causas externas, violência, violência auto infligida, saúde coletiva e saúde e sociedade. Já orientou 83 teses e dissertações, publicou 250 artigos científicos, 214 capítulos de livros e 40 livros sendo 07 individualmente e 34 como organizadora e em colaboração. É membro do conselho editorial de 14 revistas científicas, sendo 04 estrangeiras e desde 2013 é Editora Regional da Revista *Environmental Health Perspectives*. Tem vários prêmios por seus méritos na área de saúde dentre eles o de “Medalha de Mérito da Saúde “Oswaldo Cruz” conferido pelo Ministério da Saúde em 2009; o Prêmio de Direitos Humanos em 2014 conferido pela Presidência da República; e a menção honrosa de C&T do CNPq. É bolsista 1A de produtividade do CNPq e pesquisadora emérita da FAPERJ e da FIOCRUZ

Kyldes: Professora Minayo, quero começar esta entrevista conhecendo um pouco da sua trajetória como educadora e a sua chegada na área da saúde.

Minayo: *Eu comecei a lecionar aos 16 anos (finalizando o Curso Normal). Era uma péssima professora de criança pequena. Depois que me formei professora fiz vários cursos intensivos (que à época davam direito de lecionar no ensino médio e no curso normal). Lecionei várias matérias no chamado curso ginásial. Mas foi no ensino normal que encontrei meu nicho, ensinando filosofia, pedagogia e sociologia de educação. Trabalhei no Colégio Nossa Senhora das Dores (Itaboraí) e depois no do mesmo nome no Rio de Janeiro. No Rio, comecei a levar as alunas (todas mulheres) para trabalhos educativos numa favela. Entrei de cheio na Educação Popular no modelo Paulo Freire. Tive que sair do país por perseguição política, aproveitei o tempo estudando, mas não tive atividade docente. A partir de 1979 (com a anistia), meu marido e eu voltamos ao Brasil. Foi uma época muito difícil de nossa vida. Fiz mestrado, fiz doutorado, trabalhei na Secretaria de Educação do Estado do RJ e trabalhei na PUC/RJ ambos com contrato temporário. Em 1985, entrei para a*

1- Graduada em Letras (pela UFG), Mestre em Letras e Linguística (pela UFG) e Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (pela UFBA). Realizou estudos de pós-doutoramento em Letras e Linguística (pela UFG) e atualmente é professora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e da Faculdade ITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8473-2828>. E-mail: kyldesv@gmail.com

Fiocruz primeiro como professora visitante e depois, concursada em 1989. Por razões políticas houve um período de minha vida no exterior em que não tive atividade remunerada. E na volta ao Brasil, passei por alguns anos de atividades avulsas e de estudos sempre. Creio que, como muitos que viveram os anos de chumbo, minha carreira não foi um caminho linear. No entanto, tudo que vivi me deu experiência e um pouco de sabedoria. “Gracias a la vida que me ha dado tanto!”

Kyldes: Na sua opinião qual a importância da Pesquisa na formação de futuros pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento?

Minayo: *A pesquisa é a transformação em ciência daquela curiosidade que nasce na infância. A formação para a pesquisa científica deveria começar no ensino básico, o que fazem hoje muitos métodos de ensino já em uso em escolas privadas de elite e frequentemente, por intuição e criatividade, alguns professores de escolas públicas. Uma forma de avivar esse caminho importantíssimo para o desenvolvimento e o reconhecimento da ciência é o chamado “método de ensino por problemas”.*

Kyldes: A ciência está sendo colocada a prova ultimamente no Brasil em especial na área da Saúde. Na sua opinião qual será o futuro da Ciência Brasileira, caso esse Negacionismo persistir?

Minayo: *Infelizmente em nosso país, a consciência da sociedade para a importância da ciência ainda é muito baixa e isso leva ao “negacionismo”. Cabe a nós cientistas, a tarefa de dar visibilidade ao que fazemos e mostrar que qualquer povo só avança quando sua população cresce na educação formal e na incorporação das descobertas científicas e tecnológicas no seu cotidiano. Negar a importância da ciência é escolher o atraso e a dependência em relação às nações que detêm o poder do conhecimento.*

Kyldes: Professora, seus livros sobre metodologia se tornaram referências obrigatórias em especial na área da Pesquisa Social. Gostaria que nos contasse um pouco dessa trajetória

Minayo: *Meus livros e artigos sobre metodologia são fruto de minha própria aprendizagem com os alunos. Sempre que dou aulas, observo as dificuldades e as inquietações deles. Sempre constatei que metodologia científica era uma matéria árida, cheia de conceitos rebuscados e de difícil compreensão. Entendendo que o método é o que torna uma investigação capaz de ser compreendida em qualquer parte do mundo, eu assumi, quase como um projeto político, mostrar as etapas de construção do conhecimento social (teoria, método, conceitos, categorias, hipóteses e outros) da forma mais acessível possível, sem retirar nem uma vírgula dos fundamentos traçados pelos autores referenciais das Ciências Sociais. Para isso contribuí muito minha experiência como professora.*

Kyldes: Professora, com a sua vasta experiência e vivência internacional, que contribuições elas agregaram na sua vida como Pesquisadora em uma das mais importantes fundações de Pesquisa do País.

Minayo: *A Fiocruz é minha segunda casa. É onde me sinto, ao mesmo tempo, acolhida e onde consigo encontrar companheiros e companheiras para desenvolver temas hoje fundamentais para o desenvolvimento da ciência e dar respostas à sociedade sobre meu compromisso social. Nessa instituição, existe ao mesmo tempo liberdade de pensamento, de ação e o parâmetro, que vem desde Oswaldo Cruz, de servir ao povo brasileiro. Para mim Fiocruz é inspiração e orgulho!*

Kyldes: Muito obrigada pela sua entrevista, professora!